

# A MONSTRA DO MARANHÃO





Autores: { Manoel d'Almeida Filho  
          { e Abdias Soares

---

## A MONSTRA DO MARANHÃO

UM EXEMPLO PARA OS FILHOS  
DESOBEDIENTES E DEPRAVA-  
DOS, E UMA ADVERTÊNCIA  
AOS PAIS DE FAMÍLIA

Ó mundo está duma forma  
Que ninguém suporta mais,  
A maioria do povo,  
Acompanha o Satanás,  
Só ama as coisas da terra,  
Pega a espada da guerra,  
Deixa a bandeira da paz.

Filhos desobedientes,  
Aos velhos pais não respeitam,  
Fazem o mal com prazer,  
Bons Conselhos não aceitam;  
Renegam a santa cruz,  
Os poderes de Jesus  
Com todo ódio rejeitam.

As mulheres depravadas,  
Não respeitam seus maridos,  
Caem dentro da orgia,  
Deixam os filhos perdidos,  
Sem socorro, na miséria,  
E vão buscar na matéria  
Os gozos mais pervertidos.

O povo, sem Deus, caminha  
Nos braços da perdição,  
Todo dia surgem casos  
Que chamam nossa atenção,  
Coisas que nunca se viu,  
Como a que agora surgiu  
Nas terras do Maranhão.

Raimunda da Silva Moura,  
Nasceu com o gênio ruim,  
Com a alma endiabrada,  
Irmã gêmea de Caim;  
Um coração desumano,  
Tão perverso e tão tirano,  
Que nunca se viu assim.

Com quinze anos de idade,  
Ninguém não a suportava,  
Perversa, má, depravada,  
Aos pais não respeitava;  
Desconhecia o Eterno,  
Era um verdadeiro inferno,  
Com todo mundo brigava.

Contam que ela zangou-se  
Sexta-feira da Paixão,  
Deu uma surra na mãe,  
Quis cortá-la de facão;  
Vendo o embrutecimento,  
O pai deu um passamento  
E morreu do coração.

Depois da morte do pai,  
Raimunda foi piorando,  
Só vivia pelas festas,  
Dois, três dias farreando,  
Com cinco, seis namorados,  
Loucos e apaixonados,  
Todos com ela gastando.

Isso porque era linda  
De fazer embriagar,  
Até que um certo dia,  
Cansada de namorar,  
Para ser conceituada,  
E deixar de ser falada,  
Entendeu de se casar.

O escolhido era rico,  
Não teve nenhuma espera,  
Foi pedi-la, a velha disse  
A sua filha quem era,  
Achava um caso perdido,  
Já tinha até lhe batido,  
Uma serpente, uma fera,

Porém o rapaz, deveras,  
Pela monstra apaixonou-se,  
Não acreditou na velha,  
Com poucos dias casou-se;  
Não esperava ter sócio,  
Pensou que fêz bom negócio,  
Mas dessa vez desgraçou-se.

Porque, Raimunda casada,  
Atendia aos namorados,  
Na ausência do espôso,  
Ia aos encontros marcados,  
Nos lugares mais distantes,  
Aonde dava aos amantes  
Beijos amaldiçoados.

O marido trabalhando  
Quando a casa regressava,  
O pecado de Raimunda,  
A vizinhança contava;  
Porém o pobre inocente,  
Domado pela «serpente»,  
Cego, não acreditava.

Cinco anos nessa vida,  
Em nada modificava,  
Já mãe de três criancinhas,  
Raimunda continuava,  
Na lei da patifaria,  
Quando o marido saía,  
Um amante seu entrava.

Até que enfim, certo dia,  
O pior aconteceu,  
José de Moura, o espôso,  
No trabalho adoeceu,  
Voltando no mesmo instante,  
Pegou-a com um amante,  
Que avistando êle correu.

O pobre homem, enganado  
Tantos anos, revoltou-se,  
Arrastou uma «peixeira»,  
Nem dos filhos não lembrou-se,  
E disse para Raimunda:  
— Prostituta, vagabunda,  
Tudo entre nós acabou-se!

Nessa hora, a pecadora  
De joelhos aos seus pés caiu,  
Abraçada com os filhos,  
Por todo santo pediu;  
José de Moura espumando,  
Vendo os filhinhos chorando,  
De matá-la desistiu.

Raimunda com suas lábias,  
Conseguiu ser perdoada,  
Julgando que tinha sido  
Pela mãe denunciada,  
Fêz um plano com estudo,  
Pensando liquidar tudo,  
Para poder ser vingada.

Mandou convidar a mãe  
Para vir morar com ela,  
Dizendo que assim teria  
Mais respeito a vida dela;  
Isso era a sua esperança,  
Para fazer a vingança,  
Preparava a “esparrela”.

Pensava gozar a vida,  
Tendo plena liberdade,  
Sem ouvir mãe nem marido,  
Nem os filhos, na verdade,  
Queria a vida corruta,  
Para ser absoluta,  
Sem responsabilidade,

Para completar o plano,  
Ela comprou formicida,  
Se fazendo de doente,  
Envenenou a comida;  
Os demais todos comeram,  
Na mesma hora morreram.  
Só ela ficou com vida.

Para seu maior castigo,  
Olhando o quadro da morte,  
Ouviu um grande estampido,  
Duma gargalhada forte,  
E saltou na sua frente,  
O Satanás sorridente,  
Com o bilhete da sorte.

Disse faiscando fogo:  
— Andaste na minha trilha,  
Cumpriste os meus mandamentos,  
Lêste na minha cartilha,  
Viste a luz dos meus espelhos,  
Aceitaste os meus conselhos,  
Agora, és minha filha.

Eu sou o dono dos maus,  
Corrutos e mentirosos,  
(Estão todos no meu livro)  
Feiticeiros, criminosos,  
Filhos desobedientes,  
Que matam os inocentes,  
São meus irmãos extremosos.

Raimunda ouvindo essa voz,  
Deu um grito, enlouqueceu,  
Transformou-se em uma monstra,  
Abriu a porta e correu,  
Com um vulto preto atrás,  
Dizendo ser Satanás,  
Contando o que aconteceu.

Desembestada, correndo,  
Ninguém não pôde pegá-la,  
Internou-se pelas matas  
E ninguém foi procurá-la;  
Um canto certo não tem,  
Quando aparece a alguém,  
Assombra só com a fala.

Contam que um caçador,  
Passando na Baixa Funda,  
Encontrou-se com a monstra  
Que lhe disse: eu sou Raimunda,  
Fui contra as leis do Eterno,  
Hoje, vivo num inferno,  
Como a pior vagabunda.



Porque desobedeci  
Os conselhos de meus pais  
Dando vasão aos instintos  
Dos sentimentos carnaís,  
Usei até formicida  
Entregando a própria vida  
Ao poder do Satanás.

Dizem que Raimunda vive.  
Nas matas do Maranhão,  
Assombrando os caçadores,  
Na mais tremenda aflicção,  
Pedindo em altos brados  
Perdão para seus pecados,  
Pela Sagrada Paixão.

Quando Raimunda correu,  
Dando gritos assombrados,  
Os vizinhos penetraram  
Na casa dela apressados,  
Cinco mortos encontraram,  
As providências tomaram,  
Depois foram sepultados.

Quem não comprar este livro,  
Não gosta duma lição,  
Aborrece as coisas puras,  
Só adora a corrupção;  
Para poder acertar,  
Um dia vai encontrar  
«A monstra do Maranhão.»